

## PRIMAVERA

Jayne Caetano Braun

È um manancial de alegrias,  
a inspiração que extravasa,  
quando a gente dá “ô de casa”  
pra escutar um “buenos días”  
cincerros de melodias  
que sobem na atmosfera,  
depois tudo se entrevera,  
num soluço de beleza,  
pra saudar a natureza  
vestida de primavera.

È o quadro vivo mais lindo  
que enternecido contemplo;  
o varzedo é todo um templo.  
cheio de vida- surgindo,  
flores do campo se abrindo,  
quando tudo se alvoroça;  
o bicharedo retoca  
em barbarescos namoros,  
o próprio berro dos touros,  
parece até que se adoça!

Quadro de todos os anos,  
a gente anseia revê-lo,  
até os guachos do sinuelo  
parecem mais araganos,  
há fogo em nossos tutanos,  
na misteriosa mudança,  
é o tempo, em eterna dança  
que nos empurra pra diante  
e a saudade mais distante,  
volta a queimar na lembrança...

O lindo capim mimoso,  
prosegue o rodízio eterno,  
de se queimar no inverno,  
pra renascer mais viçoso,  
no ciclo maravilhoso  
da tábua das estações;  
Peixes pulam nos lagoões  
e os pássaros payadores,  
misturam trinos e cores,  
entre as clinas dos capões!

Parece que se desata  
o tope dos elementos,  
trazendo na voz dos ventos  
um eco de serenata  
até a chilena de prata  
retine mais patacoeira,  
na melodia campeira  
que faz cancha no espaço,  
como marcando compasso  
junto ao sabiá laranjeira...

Há tanta autenticidade  
nas vozes da natureza  
que resumem a beleza  
da própria simplicidade;  
a estação não tem idade,  
dela não há quem se esconda,  
tudo se ajeita, arredonda,  
tudo renasce e se agita,  
na clarinada bonita  
da clarinada que ronda!

As aves cantam mais cedo  
e os cochinchos mais amiúde,  
nessa sinfonia rude,  
de céu, vento e arvoredos;  
há um misterioso segredo,  
terneiro berra mais grosso,  
potrilho arqueia o pescoço,  
no milenar evangelho;  
o maço fica mis velho  
o velho fica mais moço...

O sangue anda mais de pressa,  
Nas artérias e nas veias,  
arrebentando maneias  
da vida que recomeça;  
não há barreira que inpeça,  
o tempo que se arremanga;  
floresce o pé de pitanga,  
branqueando, num desafio  
e acorda mais macio,  
o bordoneio da sanga...

Mas não só nos descampados  
a primavera incendeia,  
ela se enfeita, e passeia,  
nas vilas e nos povoados,  
nos ambientes asfaltados,  
cidades e capitais;  
pombas, bantevis, pardais,  
em melodiosos arrulhos,  
repetem doces barulhos  
de tempos imemoriais...

Nas ruas e nas calçadas,  
a infância e a juventude  
que não há força que mude,  
desfilam, entreveradas,  
e as paisanas encantadas  
chiruas, respiram fundo,  
vibrando, cada segundo  
sentindo, cada minuto,  
o domínio absoluto,  
que têm, da gente e do mundo!

E o homem, defronte a isso?  
até parece impossível,  
vai se tornando insensível,  
por força de algum feitiço;  
é um criminoso, um omissor,  
da forma mais inconsciente  
gente que já não é gente,  
buscando outra trajetória,  
depois da triste vitória;  
de matar o meio ambiente

Será tão empedernido  
que não veja, quando cruza,  
dois cerros contra uma blusa  
dum poema recém vestido,  
ou, não lhe adoce o ouvido,  
insensível, deformado,  
o concerto aveludado,  
de uma calandria selvagem,  
vestindo nova ropagem,  
de bico recém pintado?

Eu pergundo, de que adianta,  
plantar um pé de erva mate,  
como sinal de combate,  
em defesa de uma planta,  
se a mesma mão que levanta,  
nessas considerações,  
é a que assina concessões,  
num inconsciente floreoio,  
aos assassinos do meio  
que fazem devastações?

Falta ainda muito pro resto,  
mas, em tempo, me concentro,  
entrar primavera a dentro,  
não dá força ao meu protesto,  
vale a homenagem que presto  
a todos os índios cueras  
que lutam contra as taperas  
e contra as destruições,  
a eles, minhas canções,  
vestidas de primavera!